

*OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE
AO CRISTIANISMO*

Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): institucionalização e mudanças de paradigmas

Jonatas Silva Meneses
Universidade Federal de Sergipe
jsmenesesfilhos@gmail.com

Resumo

O presente artigo destaca a Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, suas principais características teológicas e doutrinárias, possíveis rupturas e continuidades. As características foram apresentadas e analisadas de forma comparativa, passado e presente, sem a pretensão de esgotar a temática, tendo em vista ser, este artigo, parte de trabalho maior de pesquisa sobre a história dessa igreja no Brasil e em Portugal. A perspectiva principal foi pensar a IURD com base nos seus sincretismos e pragmatismo geradores da mensagem proselitista divulgada nos seus templos e nos meios de comunicação: rádio, televisão e material impresso (jornais, revistas e livros).

Palavras-chave: ruptura, continuidade e sincretismo.

Abstract

This article highlights the Universal Church of the Kingdom of God in Brazil, its main theological and doctrinal characteristics, possible ruptures and continuities. The features were presented and analysed in a comparative way, past and present, without the pretension of exhausting the subject, in order to be, this article, part of larger work of research on the history of this church in Brazil and in Portugal. The main perspective was thinking the UCKG based on their sincretismos and pragmatism proselytizing message generators disclosed in their temples and in the media: radio, television and printed matter (newspapers, magazines and books).

Keywords: rupture, continuity and Syncretism.

1. Introdução

O neopentecostalismo no Brasil¹ desenvolveu, ao longo das quatro últimas décadas, alguns fenômenos dignos da atenção da grande mídia, como também, e sobretudo, dos estudiosos das diversas áreas das Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ciências da Religião etc.² Esses estudos identificaram o nascimento e a grande expansão desses grupos a partir da década de 1970 e analisaram as principais características do fenômeno: o uso intensivo da teologia da prosperidade, como instrumento de energização da recepção dos dízimos e ofertas; o uso veemente da chamada guerra santa, com a clara prática da intolerância religiosa, sobretudo, em relação aos cultos afro-brasileiros, mas também aos rituais católicos; um certo abrandamento de exigências em relação aos usos e costumes, tão evidentes nas práticas pentecostais das primeira e segunda ondas do movimento pentecostal brasileiro³; o afrouxamento da vinculação denominacional, sem o necessário sectarismo; e a amalgamação, ou, utilizando um termo mais técnico da antropologia, a bricolagem das suas práticas doutrinárias, onde catolicismo tradicional, protestantismo histórico, pentecostalismo clássico e religiões de origem africana fizeram parte desse processo de construção.

A expansão do neopentecostalismo brasileiro, apesar de todas as críticas contundentes fora e no âmbito do campo religioso, gerou intensa visibilidade desses religiosos e dos protestantes/evangélicos⁴ de uma forma geral. No interior desse movimento, alguns grupos se avultaram: a Igreja Universal do Reino de Deus e aquelas

¹ Movimento religioso surgido no Brasil a partir da década de 1970, normalmente fruto de cisões com grupos pentecostais fundados por missões estrangeiras, que primavam pela prática da chamada guerra espiritual, ou seja, a necessária identificação do diabo no cotidiano das pessoas, utilização da teologia da prosperidade e a maior flexibilização dos usos e costumes (Mariano, 1999).

² MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil, São Paulo (SP), Edições Loyola, 1999; Mendonça, Antonio Gouvêa. Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. Organização de Leonildo Silveira Campos. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008; Campos, 1997.

³ CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. Trad. Júlio Zabetiero. São Paulo: Pendão Real, 1996. CAMPOS, Leonildo Silveira. “As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada”. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2016. FRESTON, Paul. Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontro, 1994. FRESTON, Paul. “Protestantismo e democracia no Brasil”. disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/freston.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2016.

⁴ Os protestantes serão, neste trabalho, tratados como históricos, ou seja, aqueles oriundos da Reforma Protestante; os evangélicos serão tratados, numa forma mais geral, todos os grupos surgidos historicamente em função da expansão do pentecostalismo americano no final do século XIX e a consequente chegada ao campo religioso brasileiro a partir da primeira metade do século XX.

constituídas como consequência das cisões na esteira do fenômeno IURD, como a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, esta surgida mais recentemente, mas que alcançou e tem alcançado destaque na competição com a igreja mãe (IURD).

Para o propósito deste artigo, analisamos as suas principais características, objetivando identificar as mutações ocorridas ao longo das três últimas décadas, como também perceber aquelas que foram mantidas e até aprimoradas para o êxito pretendido nas práticas proselitistas e, nomeadamente, no processo de institucionalização da igreja. Para o atendimento desses objetivos, realizamos pesquisa bibliográfica: livros, artigos de livros e publicações na internet; consultamos literaturas publicadas pela própria igreja, assistimos e analisamos programas veiculados na mídia televisiva e, para análise, utilizamos a metodologia comparativa entre as principais características.

2. Igreja Universal do Reino de Deus

Neste artigo, priorizei a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada no Estado do Rio de Janeiro, na segunda metade da década de 1970. Nos primeiros anos de sua organização, não despertou maiores interesses. O processo de criação obedeceu aos passos tradicionais desse tipo de investimento religioso: liderança carismática insatisfeita com os caminhos trilhados pelo protestantismo brasileiro, histórico e, ou pentecostal tradicional, que descola-se de antigos parceiros, e cria um novo grupo; e, sempre, sob a premissa de ser portador da mensagem verdadeira e diferenciada das demais, se apresentando, dessa forma, na qualidade de preparado para o desenvolvimento das suas atividades no amplo mercado de bens simbólicos disponíveis no campo religioso brasileiro. Nos primeiros anos, seguiu a mesma trajetória de outros grupos criados no Brasil, sob os olhares benevolentes da legislação brasileira e a expectativa dos seus criadores em alcançar o coração e as mentes dos potenciais adeptos.

A partir da década de 1980, a IURD alcançou notoriedade: seja por meio dos grandes eventos promovidos em estádios de futebol; seja pelos escândalos que esses eventos causaram, em virtude do volume de dinheiro arrecadado, quase sempre transportado em sacos e amplamente divulgados pela grande mídia; seja pelas batalhas espirituais, envolvendo a luta contra adeptos das religiosidades afro-brasileiras - candomblé e umbanda -, tratadas como portadoras de práticas demoníacas, ou até

mesmo contra católicos e outras formas de religiosidades cristãs (protestantes históricos e pentecostais tradicionais). Fato é, e isso não se questiona, que o carisma e o empreendedorismo do seu fundador transformaram o grupo, inicialmente pequeno, como todos que surgiram nesse período, em grande potência religiosa brasileira⁵ e internacional⁶, antagonizando com os principais grupos protestantes e evangélicos do país.

A forma sempre agressiva de proselitismo foi marca predominante nas primeiras décadas da IURD. Esse proselitismo agressivo não poupava os seus opositores, mirando, especialmente os católicos denominados não praticantes; apresentava-se sempre como espaço sagrado possível de resolver as mazelas recorrentes da sociedade brasileira, caracterizada, segundo a IURD, pelo desamparo social, pela precariedade do sistema público de saúde e, principalmente, em virtude da ação do demônio, oferecendo solução imediata para esses problemas; mas, sobretudo, a inventiva capacidade na utilização dos meios de comunicação na propagação do discurso religioso e dos seus rituais foram ferramentas importantes nas ações em busca da notoriedade e de poder espiritual no interior do campo religioso brasileiro.

O Bispo Edir Macedo⁷, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, que tinha origem católica, mas que também havia trilhado caminhos da Umbanda e do Candomblé, seguiu os mesmos passos de outros líderes carismáticos, ou seja, rompeu, em sucessivos momentos, com os seus antigos grupos, sempre sob a alegação de que a

⁵ O censo de 2010 apresentou a Igreja Universal do Reino de Deus como a 4ª maior igreja protestante/evangélica brasileira, com 1 873 243 adeptos, atrás das igrejas Assembleia de Deus, Batista e Congregação Cristão do Brasil. Dados de 1994 dão conta dos seguintes números: 236 em 65 países (CAMPOS, 1997).

⁶ O processo de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus no exterior se iniciou a partir de 1985, contudo, os melhores resultados só apareceram a partir de 1987, com a instalação da IURD nos Estados Unidos da América (CAMPOS, 1999).

⁷ Nascido em 18 de fevereiro de 1945, em Rio das Flores, município do Rio de Janeiro, foi criado no seio de uma família católica praticante. Ele lembra, e relata o episódio em sua biografia, que, adolescente, chegava a ironizar os evangélicos da Assembleia de Deus que se reuniam para orar no campo de São Cristóvão. “Aleluia, aleluia! Como no prato e bebo na cuia”, gritava o garoto Edir, fugindo depois de bicicleta. Nos tempos da Igreja Nova Vida, a postura foi outra. Ele revela no livro que destruiu as imagens e medalhas religiosas que levava consigo: “Botei todos aqueles objetos no chão, fitei os olhos deles e, apontando o dedo com desdém, desafiei: ‘Desgraçados! Vocês me enganaram!’”. Em seguida, pisou com raiva os pedaços de papel rasgados e a gargantilha. Ainda jovem, Edir Macedo conseguiu uma colocação: emprego público na Loteria da Guanabara, obtido com o auxílio do ex-governador Carlos Lacerda, com quem a família dele tinha certa proximidade. Seu trabalho era uma mistura de contínuo com auxiliar de escritório. Isso não impediu, no entanto, que o poder lhe subisse a cabeça: certo dia, levando ao pé da letra uma recomendação interna, impediu a entrada de um monsenhor no escritório administrativo, o qual havia sido enviado pelo arcebispo para recolher um dinheiro que na época algumas sociedades católicas recebiam das loterias: “Eu barrei a Igreja Católica naquele dia. Simbolicamente, seria um prenúncio do que se tornaria a sina da Igreja Universal ao longo os anos”, diria anos depois. (Fonte: página <http://ultimosegundo.ig.com.br/os-60-mais-poderosos/edir-macedo/5244b760e832edbf3c00006html>, visitado no dia 21 de setembro de 2016).

mensagem anunciada não correspondia aos interesses espirituais da população e, sobretudo, não atendia aos ditames de Deus. Portanto, se apresentava como portador de uma nova mensagem, considerada pelo próprio como a mensagem reveladora da vontade de Deus. O religioso carismático tornado Bispo e os seus principais seguidores utilizaram técnicas que transformaram uma pequena igreja e um apoucado grupo numa potência nacional e internacional, associando fundamentos da boa administração e sincretismo religioso para conquistar adeptos, num primeiro momento nas camadas mais pobres e, em seguida, alcançando todas as camadas da sociedade brasileira, inclusive as classes médias e até grupos empresariais.

3. As principais características: preservação, aprimoramento e rupturas

3.1 – teologia da prosperidade e o instrumento de arrecadação

A prática religiosa da IURD no Brasil se fundamentou por alguns pontos e tem servido de referência para a prática desses fiéis, principalmente com vista ao proselitismo. O embasamento principal foi e tem sido a teologia da prosperidade, onde rituais são construídos mirando alcançar pequenos e médios empresários, e até os grandes dos diversos setores da economia, bem como pessoas comuns alcançadas pela crise econômica (desempregados e subempregados). Essa prática, muito questionada no passado e no presente também, tem sido objeto de aprimoramento por parte da IURD. A metodologia continua a mesma, isto é, promessas de que Deus, que é o dono do ouro e da prata, devolverá em dobro, ou muito mais, tudo aquilo que for depositado no altar.

Vejamos uma descrição do que acontecia no passado, mas que continua bastante contemporânea na vida da igreja: no culto usa-se tempo para mensagem sobre edificação espiritual e salvação, e usa-se um momento importante para o “ofertório”, onde envelopes são distribuídos e o chamamento às pessoas presentes para que deem sempre o máximo. A pergunta ao público presente vai sempre do valor maior para o menor. O fiel que oferece a maior oferta é sempre elogiado e recebe as garantias de que Deus o recompensará; enquanto os que deram ofertas de menor valor são acusados de terem pouca fé e, portanto, receberão menor “galardão” ou nada receberão. A pressão na hora do ofertório chega ao ponto de se afirmar, durante a prédica, de que o fiel deve colocar Deus na parede, ou seja, se você ganha R\$ 1.000,00 e oferece os dez por cento, não faz grande coisa. Diz então o pastor: é preciso “sacrificar” R\$ 500,00 e Deus o

recompensará com um emprego de R\$ 5.000,00. Muitos fieis acreditam na pregação e sacrificam (doam) aquilo que é solicitado.

Alguns aspectos dessa característica da prática religiosa – apesar de ser econômica, é considerada como aprendizado espiritual que aproxima o homem de Deus, tanto pelas lideranças religiosas quanto pelos fieis – tem sido aprimorada. Hoje, são comuns os boletos bancários e as maquinetas de débito e de crédito, formas que evitam os escândalos tão comuns no passado e que geraram desgastes penosos às lideranças e à igreja. Em visita recente à uma das igrejas da IURD, presenciei o famoso “passar da sacolinha”. Nesse momento, não mais a sacolinha como no passado, mas sim bandejas metálicas (material de inox), como também a presença de um obreiro portando a maquineta de débito e de crédito aguardando pacientemente que os fieis digitassem as suas respectivas senhas e os valores a serem ofertados.

Os sacos de dinheiro transportados por obreiros nos grandes eventos, ou mesmo o transporte desses valores em malas nos aviões privados - práticas vistas, filmadas e divulgadas foram abolidas abrindo espaço para transações bancárias mais centralizadas. Em acidente de carro no dia 09 de julho de 2012, a polícia identificou R\$ 100.000,00 no automóvel vítima do sinistro. Inicialmente pensado como resultado do tráfico de drogas, depois confirmado pertencer à Igreja Universal do Reino de Deus.

Os cultos destinados a alcançar empresários foram aprimorados ganhando em sofisticação e mais tempo, tanto nos cultos quanto nos programas radiofônicos e televisivos. O trabalho junto a empresários criado pela IURD, foi desenvolvido e aprimorado. Se alguém se der ao trabalho de abrir a página da igreja vai ter acesso ao material de divulgação que diz o seguinte, tudo de maneira bem convincente:

“Todo mês tem sido uma luta para você conseguir pagar as contas? As dívidas parecem não ter fim? Com isso o seu casamento foi prejudicado e você gostaria de poder fazer muito mais pela sua família, mas não pode? Os problemas financeiros fazem parte da vida da maioria da população, e o mercado oferece muitas formas para tentar solucionar essas dificuldades e prosperar. Porém, para se estabelecer financeiramente, apenas uma é eficiente. E ela não é ensinada nos cursos de economia, mas adquirida quando se usa a fé inteligente. Para aprender qual é esse segredo, participe do Congresso Para o Sucesso, que todas as segundas feiras têm reunido mais de 10 mil pessoas no **Templo de Salomão**. Elas marcam presença com um único objetivo: conquistar vitórias na vida financeira.” (Consulta realizada no dia 11 de abril de 2017, às 11h28, no site <http://www.universal.org/reunioes/prosperidade>).

3.2 a guerra santa contra demônios e potestades

A guerra santa tem sido outra importante ferramenta no arcabouço teológico da IURD. Essa prática gerou, ao longo da sua implantação e desenvolvimento, a sua consequência mais danosa, isto é, a intolerância religiosa. A intolerância alcançou em grande monta os fiéis das religiosidades afro-brasileiras, mas também os católicos tradicionais e os seus rituais.

A ênfase sempre foi e continua sendo a presença do demônio nos seus cultos e, claro, a necessária expulsão em rituais muito bem cultivados, tanto nos programas radiofônicos quanto e principalmente nos programas televisivos. Diferente dos cultos pentecostais clássicos e dos cultos do protestantismo histórico, a figura do diabo é requerida e aguardada. A aparição do demônio significa a oportunidade de realização da igreja e do pastor que dirige o ritual de expulsão para um feito que será amplamente divulgado, quase nos mesmos termos dos “feitos memoráveis” praticados nas culturas antigas.

É claro que nem sempre as coisas deram ou dão certo. Em alguns casos o demônio resiste ao ritual de exorcismo, exigindo maior vigor físico do pastor e auxiliares na tentativa de expulsão, gerando, em casos que não foram raros, boletim de ocorrência numa delegacia de polícia, sob a alegação de danos físicos, ou, nos casos mais graves, de fiel que chegou a óbito por conta das agressões a que foi submetido, sempre sob o pretexto da expulsão do demônio. A imprensa noticiou fartamente esses episódios e a Igreja Católica Apostólica Romana se manifestou a respeito, afirmando serem estes rituais fraudes grosseiras e que mereciam o repúdio da população.

Em outros casos, e esses são amplamente divulgados, o demônio é plenamente derrotado e aparecem nos programas de televisão como feitos memoráveis da força espiritual da igreja e do pastor que realizou o exorcismo. Em evento publicado pela IURD em 2012, o pastor apresenta uma situação em que o demônio pretensamente incorporado em uma mulher, pobre naturalmente, o ameaça derrotá-lo. O pastor aceita o desafio e garante, tudo realizado em frente da audiência na igreja, que comeria a bíblia inteira e se ajoelaria diante dele. Depois de longa explanação sobre a vitória que o aguardava, a mulher ajoelha-se diante do pastor e o reverencia, para deleite do mesmo e da plateia que assistia (Consulta ao site <https://www.youtube.com/watch?v=zIOetZWrirE>, em 11 de abril de 2017, às 11h22).

Os rituais de exorcismo continuam importantes nas práticas religiosas da IURD. As sessões de descarregos continuam em evidência e atraem milhares de pessoas aos cultos, sempre sob os mesmos chamamentos: venha vencer o destruidor dos seus sonhos. A ênfase no demônio como propiciador de todas as mazelas que agridem o ser humano é parte fundamental desse discurso. Na visão da IURD o demônio reside no homem e nos grupos religiosos de origem dos fiéis, que acorrem aos templos para a necessária libertação, alcançados pelo marketing apresentado nos meios de comunicação utilizados pela instituição (rádio, televisão e material impresso). A esse respeito, Ricardo Mariano afirmou o seguinte:

Exacerbar a pregação da guerra espiritual, enxergar a presença e ação do Diabo em todo lugar e em qualquer coisa e até invocar a manifestação de demônios nos cultos são crenças e práticas que distinguem teologicamente, ainda que em termos de ênfase, é preciso que se frise, as igrejas neopentecostais do pentecostalismo clássico e, em menor grau, do deuteropentecostalismo. Para R. R. Soares e Edir Macedo, a extensão da ação demoníaca é quase ilimitada (Mariano, 1999, pp 36)

Justificando a prática desses rituais, as lideranças religiosas afirmam haver na IURD uma maior proximidade do fiel com Deus, na medida em que o poder sagrado é apresentado como acessível para todos, assegurando pleno êxito às demandas oferecidas nos seus templos, ou mesmo sem a necessidade de sair de casa⁸, ou seja, Deus, na IURD, é mais Deus. Essa característica justificou e ainda continua justificando a chamada guerra santa contra o demônio. O que mudou nos últimos anos em relação ao combate ao demônio e às suas práticas de destruição é a magnitude da agressividade aos cultos afro-brasileiros que arrefeceram, dando uma razoável trégua aos fieis da umbanda e do candomblé (pesquisadores das religiões afro-brasileiras entendem que a perseguição continua).

3.3 a mensagem salvífica na IURD

Outra característica a ser considerada no discurso religioso da IURD reside no fato da diminuição do caráter salvador de Cristo, que sempre foi o fundamento das denominações protestantes históricas, que entendia a mensagem sobre a salvação como

⁸ A IURD não foi pioneira na utilização das ferramentas midiáticas na comunicação, mas conseguiu a sua intensificação, tanto no rádio quanto nos meios televisivos. Hoje é proprietária de uma rede de televisão e tem à sua disposição diversos outros canais.

missão primordial apresentada pelo próprio Deus e, para justificar, apresentavam, e continuam apresentando, o seguinte texto bíblico: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16.15 – Bíblia online).

A IURD viu-se diante de um grande dilema. Como conciliar o pragmatismo religioso da sua prática com a mensagem de salvação para o após a morte? Como conciliar o aqui e o agora com a proposta de bênção ainda a ser alcançada no além? O que fez a teologia da IURD? Tentou contemporizar, ou seja, em parte do culto a mensagem da salvação era apresentada, enquanto na quase totalidade dos trabalhos, em todos os dias da semana, predominavam os apelos à prosperidade, à guerra santa contra o inferno e os seus demônios, à cura dos mais diversos tipos de doenças, inclusive o vício nas mais diversas drogas e até programa específico para pessoas com crises depressivas.

Este pragmatismo foi sempre apresentado, à semelhança dos pentecostais clássicos e dos pentecostais de 2ª onda, como o resultado do poder de Deus, presente contemporaneamente por meio dos dons espirituais, dos quais a igreja se apresentava como portadora e com a missão de realizar a obra aqui na terra. Enquanto a igreja protestante histórica se debatia diante de tão flagrante avanço, a IURD sincretizava os pontos que lhe interessava das diversas religiões e religiosidades brasileiras. A respeito dessa diferença,

“Ao contrário do que acontece no culto protestante, onde segundo Rubem Alves o discurso substitui a vida e a experiência religiosa, aqui a palavra se conjuga às rotinas do dia-a-dia, ganha novas dimensões e produz, como no drama da conversão, efeitos imediatos” (Cesar, Waldo & Shaul, Ricard, 1999, p. 74).

O caráter salvífico na IURD deu lugar, mesmo que não no todo, ao pragmatismo religioso, onde o que vale é a possibilidade da bênção aqui e agora e onde os dons espirituais são motores para se alcançar o milagre pretendido.

3.4 O sentimento de pertença

Nos primeiros anos da IURD, notava-se uma menor incidência da identificação religiosa com a igreja. É como se houvesse por parte da igreja e também por parte do fiel, a necessidade da não vinculação institucional, ou, é como se o sentimento de pertença não fosse necessário. A existência de rol de membros não se fazia necessário e,

nesse sentido, o fiel iurdiano, mesmo apresentando frequência regular ao templo e ao se declarar recebedor das bênçãos e dos milagres, não havia, diferente dos protestantes históricos e dos pentecostais clássicos, o sentimento de pertença à igreja. Na prática, é como se esses fiéis se dessem ao direito de serem nômades, circulando pela IURD, por outras igrejas pentecostais e neopentecostais, e até pelos terreiros de candomblé e umbanda. É como, no dizer de Ricardo Mariano: “Nota-se que a própria filiação religiosa vivida conscientemente para atingir fins terrenos já atesta o menor sectarismo e ascetismo dos neopentecostais” (Mariano, 1999, pp 45).

Contudo, esse quadro tem-se mostrado bem diferente nos últimos anos. Já se percebe uma relação diferenciada em relação aos seus primórdios, ou seja, a ideia sectária de pertencimento a um grupo, o grupo iurdiano, tem acontecido com maior vigor. Há uma nítida vinculação entre o fiel e a sua paróquia – paróquia aqui no sentido de templo individual -. O rol foi estabelecido e o fiel vincula-se à “sua paróquia” e ao seu “pastor”. O pastor conhece as suas “ovelhas” e as visitas com o intuito de conhecê-las melhor e fortalecer os vínculos de pertencimento, tudo semelhante ao praticado pelos grupos protestantes mais tradicionais. Nesse sentido, pode-se afirmar o processo de institucionalização consolidado e põe por terra todos os que ainda vislumbravam qualquer possibilidade de tratar esse grupo na condição de seita.

A circulação tão presente nos tempos pretéritos e o caráter nômade dos fiéis iurdianos se diluíram. Hoje, parte significativa dos fiéis afirma o pertencimento ao grupo. Dizendo isso, não significa que a porosidade do campo religioso brasileiro acabou. Há, ainda, essa fluidez da modernidade e da pluralidade religiosa, onde a escolha religiosa não ocorre mais em função da tradição, mas sim em função da vontade individual. Tudo isso incentiva a movimentação constante no interior de todos os grupos, inclusive entre os fiéis iurdianos.

3.5 A maleabilidade nas práticas rituais

Apesar de sempre ter se apresentado como portadora de uma verdade exclusiva, sempre anunciada como a mensagem original de Deus, é bom que se diga, desde o início da sua história as técnicas rituais foram marcadas pela maleabilidade, pelo sincretismo e pela bricolagem, mesmo que essa mistura sempre tenha sido negada. É possível afirmar que a IURD praticou antropofagia, comendo literalmente as práticas de outras religiões, tratando-as não mais como do outro ou dos outros, mas como se

próprias fossem. Símbolos do catolicismo popular e até da velha ortodoxia foram apropriados; símbolos do espiritismo e das religiosidades afro-brasileiras da mesma forma também foram coladas às suas práticas. Essas apropriações e colagens aconteceram sem qualquer constrangimento, na medida que atendiam aos interesses proselitistas que visavam alcançar uma população marcada por uma história secular de misturas no interior do campo religioso brasileiro. Na prática e nos seus objetivos, é como se houvesse uma proposta muito bem estudada, isto é, tendo em vista que a população é parte desse sincretismo, apresentar-se com métodos sincréticos ajudariam no alcance e no êxito dos seus discursos.

Nos cultos iurdianos, sempre foi possível perceber elementos do catolicismo popular e tradicional, dentre eles, só para efeito de ilustração, citamos a utilização de ramos e de água benta. A água, no Espiritismo, fluidificada, também é parte importante dos seus rituais. Já das práticas presentes nas religiosidades afro-brasileiras percebem-se o uso de fitas (fitas também presentes no catolicismo popular, onde são comuns a venda das mesmas, reverenciando o Senhor do Bonfim, em qualquer ponto turístico da capital do estado da Bahia). Tantos outros símbolos foram e continuam sendo utilizados como rosa ungida, sabonete purificado, sal etc.

Ao longo da sua história, a IURD não deixou de flertar com os símbolos judaizantes, mesmo que estes não fossem preponderantes, numa total ruptura com as práticas protestantes históricas, que obedeciam ao primado da “graça salvadora de Cristo” e que sempre se fundamentaram nas leituras do Novo Testamento. A construção do Templo de Salomão, no Bairro do Braz em São Paulo, capital do Estado de São Paulo, ampliou o desejo e intensificou o uso dos símbolos do judaísmo.

Em texto escrito pelo Professor Leonildo Silveira Campos, há uma narrativa sobre convite que lhe foi feito para participar de culto no recém-inaugurado Templo de Salomão (<http://teologiadedeus.blogspot.pt/2016/05/igreja-universal-do-reino-de-deus-da.html>, visto em 30 de março de 2017, às 11h11.). Neste texto, além da narrativa da liturgia do culto, Campos analisa o que ele chama de “IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS DÁ PASSOS FIRMES EM DIREÇÃO À TOTAL JUDAIZAÇÃO”. No texto, o autor ressalta alguns pontos desse processo. Vejamos alguns:

Em primeiro lugar, que o processo de judaização nas religiosidades cristãs não foi privilégio da IURD, cita por exemplo, dentre outros, o caso da “pastora Valnice Milhomens, da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo”, que já utilizava os símbolos do judaísmo bem preteritamente às práticas iniciadas pelo Bispo Edir Macedo. Em segundo

lugar, no acompanhamento da liturgia, apresenta símbolos do judaísmo presentes no culto: shalom, como forma de tratamento dispensado aos convidados pelos pastores e obreiros; o uso de Levitas com as características previstas no Antigo Testamento; “réplicas da arca da aliança e do candelabro com sete luzes acesas”; o vestuário do Bispo Edir Macedo representando uma clara alusão aos tempos do Antigo Testamento; lembra o autor, ainda, cultos famosos no âmbito da IURD, como “Fogueira Santa de Israel”, tudo alusivo às letras dos profetas e dos patriarcas bíblicos.

Essa intensificação das práticas judaizantes não significa a perda ou diminuição das antigas ferramentas proselitistas. A IURD avançou nesse sentido mas preservou, até por uma questão de sobrevivência no mercado de bens simbólicos, na luta por almas remidas, o uso da teologia da prosperidade, as guerras santas, os discursos de autoajuda etc.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. A Igreja Universal e seus demônios. São Paulo (SP): Editora Terceiro Nome, 2009.
- BERGER, Peter L. Rumor de Anjos. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.
- BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). Acesso em 15 de setembro de 2016 no site <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/campos99.pdf>.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. “As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada”. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2016.
- CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. Trad. Júlio Zabatiere. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora/UNESP, 1999.
- CESAR, Waldo & SHAULL, Ricard. Pentecostalismo e o futuro das Igrejas Cristãs. Petrópolis: RJ: 1999.
- D'EPINAY, Christian Lalive. O refúgio das massas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FRESTON, Paul. “Protestantismo e democracia no Brasil”. disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/freston.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2016.
- FRESTON, Paul. Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontro, 1994.

- MAFRA, Clara. Na Posse da Palavra: Religião, Conversão e Liberdade Pessoal em dois Contextos Nacionais. Lisboa: ICS, 2002.
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo (SP): Edições Loyola, 1999.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. Organização de Leonildo Silveira Campos. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008; Campos, 1997.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), 1995.
- MILANEZ, Nilton e SANTOS, Janaina de Jesus, organizadores. São Carlos: Claraluz, 2009, E-Book.
- ORO, Ari P., CORTEN, A. e DOZON, J-P, (Orgs). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da Fé. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ROSAS, Nina. As obras sociais da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sociológica. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2014.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. "O método comparativo em Antropologia Social". In MELATTI, Julio Cezar (org.): Radcliffe-Brown: Antropologia (Grandes Cientistas Sociais, 3). São Paulo: Ática, 1978.
- SEGATO, Rita Laura. Um Paradoxo do Relativismo: O Discurso Racional da Antropologia frente ao Sagrado. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 16, n.1-2, 1992.